



Direcione a câmera do celular para o QR code para assistir à edição de terça-feira do Gerir.

GAZETA DO SUL | QUINTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2026



Debate essencial: a primeira edição do Happy Hour Gerir, realizada na terça-feira à noite, marca o início de uma série de ações relevantes para a comunidade regional, com foco no combate à violência contra a mulher

Para começar o ano **em grande estilo**

Para marcar o primeiro encontro do Happy Hour Gerir em 2026, um tema à altura do que o projeto tem proporcionado ao longo de sua realização. Na noite de terça-feira, convidados puderam acompanhar o lançamento da campanha “Por Elas. Pela Vida. Um basta à violência contra as mulheres”. Na ocasião, palestrantes de destaque em suas áreas de atuação foram convidadas a compartilhar conhecimentos e reflexões durante o evento, realizado no auditório do Sindicantável Vale do Rio Pardo.

Na ocasião, a diretora de desenvolvimento e médica da Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo, Cynthia Caetano; a delegada da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam), Raquel Schneider; a psicóloga clínica e mestre em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Sheryl Andreatta; e a advogada familiarista e presidente da OAB Santa Cruz do Sul, Manuela Braga, trouxeram à tona dados sobre uma realidade que precisa ser amplamente discutida.

Antes do início das apresentações, no entanto, o presidente executivo da **Gazeta**, Sydney de Oliveira, reforçou o papel do grupo de comunicação em unir e aproximar pessoas, entidades, empresas e comunidades por meio da comunicação. Segundo ele, a escolha do tema vai ao encontro daquilo que o grupo busca, em compartilhar informação com responsabilidade e qualidade. “O tema hoje é muito relevante. Em 2026 foram 24 vítimas de feminicídio no Estado. E nós recém estamos concluindo o mês de março. Somente em Santa Cruz do Sul, foram 390 ocorrências policiais. São números preocupantes.”

Por esse motivo, a **Gazeta** procurou trazer o tema para marcar a primeira edição do Gerir de 2026, além de lançar a campanha de sensibilização. “Iremos trabalhar numa ampla cobertura em todas as plataformas do grupo: jornais, rádios, portal de notícias, redes sociais”, afirmou o presidente. Ao promover debates com profissionais de diferentes áreas, espera-se consolidar estratégias

e ações para reverter ou minimizar a realidade.

O evento da última terça-feira contou com a apresentação da editora executiva do **Portal Gaz**, Carina Weber, que também provocou momentos de reflexão entre os convidados. A gravação do evento está disponível na íntegra, no YouTube do **Portal Gaz**. Para acessar, basta apontar a câmera do celular para o QR Code impresso no canto superior direito, nesta página.

O Projeto Gerir – Workshops de Gestão Organizacional, promovido pela **Gazeta Grupo de Comunicações**, completa dez anos em 2026. O evento da última terça-feira deu início ao cronograma do ano, que deve ser marcado por grandes edições, cujo objetivo principal é provocar debates relevantes à comunidade por meio de painéis e palestras temáticas. A iniciativa conta com o patrocínio da Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo e da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), além do apoio de Cucas da Rosa e HBier.



Presidente executivo da Gazeta, Sydney de Oliveira, fez a saudação aos presentes



Quatro painelistas debateram o tema proposto na primeira edição do Gerir em 2026

Uma violência que vai **muito além dos sinais físicos**

Entre as panelistas convidadas para a primeira edição de 2026 do projeto Gerir, a médica Cynthia Caetano deu início aos pronunciamentos na última terça-feira. Diretora de desenvolvimento da Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo, ao longo da noite a especialista trouxe contribuições importantes acerca do tema, especialmente voltadas à realidade percebida junto ao consultório médico. “Eu quero trazer para a nossa reflexão de que forma essa questão da violência contra a mulher chega até esses profissionais”, enfatizou Cynthia.

De acordo com ela, há uma realidade que precisa de atenção redobrada: muitas vezes o que ocorre com as vítimas não chega de uma forma tão clara. “Normalmente é uma informação velada, trazida no contexto”, comentou. Na maior parte das vezes, outros sintomas acabam indicando que ocorre algo grave nos bastidores. “Eles podem ser caracterizados como ansiedade, depressão, alterações no sono, burnout, sensação de exaustão emocional e até em dor crônica, por exemplo”, salientou.

Nefrologista de formação, pós-graduada em dor pelo Hospital Israelita Albert Einstein, a convidada reforçou que há uma

percepção, entre membros da categoria, de que a mulher que sofre a violência emocional e física no seu ambiente de casa, ou até mesmo no trabalho, convive com uma carga crônica de estresse. “Isso desencadeia uma série de mecanismos hormonais, neurológicos e até mesmo metabólicos que impactam na sua saúde.”

É assim, a partir de conversas com mulheres que apresentam essas queixas, que

os quebra-cabeças passam a ser montados. “Dessa forma, começamos a ver que existe uma conexão muito grande com o que chamamos de ativos femininos.” Para exemplificar, Cynthia citou a realidade vivida no meio empresarial no qual atua. “Na Unimed VTRP, nós temos 74% da força de trabalho constituída por mulheres e elas precisaram desenvolver diferentes ativos, como liderança, posicionamento e resolução de conflitos.”

Nesse contexto, a palestrante, doutora em Medicina e Ciências da Saúde, trouxe uma reflexão ainda mais ampla sobre o tema. “O quanto a gente valoriza hoje, na educação de crianças e adolescentes, esses ativos femininos que envolvem outros aspectos, que tradicionalmente não são tão valorizados e reconhecidos no público feminino? É preciso refletir.”

“ Isso desencadeia uma série de mecanismos hormonais, neurológicos e até mesmo metabólicos que impactam na saúde.

CYNTHIA CAETANO
Médica



Médica Cynthia Caetano: no mundo atual, a mulher convive com uma carga crônica de estresse

AS MÚLTIPLAS EXIGÊNCIAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na avaliação de Cynthia Caetano, na sociedade atual, a mulher precisa gerenciar suas atividades para conseguir contemplar as próprias necessidades, priorizar o cuidado e a saúde, e também buscar ativos que a coloquem no patamar competitivo do mundo corporativo. “Essa é uma discussão muito interessante. Os ativos femininos precisam passar por uma discussão nas comunidades, nas escolas, de forma que nós vamos criar uma consciência coletiva muito diferente do que a maioria de nós tem hoje.”

Estar perto muda tudo.

Quando temos com quem contar, os desafios ficam mais **leves**, as escolhas mais **seguras** e o caminho mais **tranquilo**.

A Unimed VTRP acredita que o **cuidado de verdade é aquele que está perto**. Que acolhe, acompanha e segue junto em cada momento.

Estar bem é estar perto.



Unimed **sempre contigo.**

A construção de um terreno fértil para a **violência**

No decorrer do evento, a fala da psicóloga clínica e mestre em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Sheryl Andreatta, provocou reflexões profundas ao público participante. Para dar início, a convidada disse ser fundamental haver um entendimento sobre “como a gente se torna quem a gente é”. Para ela, que já foi a campo conversar com mulheres em situação de vulnerabilidade, a ideia foi compreender o que produz esse terreno fértil para a violência.

Conforme a painelistas, a produção cultural e social dá forma aos sujeitos, apontando como homens e mulheres serão ensinados e como devem corresponder às expectativas. “Em culturas como a nossa, tornar-se uma pessoa significa, de uma maneira muito fundamental, ser homem ou ser mulher. Então a gente aprende, desde muito cedo, o que significa isso. Quando tem um bebezinho chegando, um dos primeiros questionamentos é: vai ser menino ou menina?”

É a partir disso, segundo a psicóloga, que se determina como serão os cuidados, os acessos e as possibilidades que a criança terá.

“Isso não é natural. É uma grande construção em nossa cultura, tão amarrada que produz uma sensação de identidade. Então vamos entendendo que são aspectos comuns.” Dessa forma, são criadas ideias de feminilidade e de masculinidade. “Nessa construção do que é ser homem ou mulher; a gente tem estabelecido, nessas diferenças, algumas coisas bem complicadas.”

Para Sheryl, há um ensinamento predominante ao público masculino de que homens são fortes, seguros, poderosos e líderes. Já para as mulheres são ensinados fatores como a lógica do amor, relacionada ao sacrifício, à doação, aquela que tudo suporta e que tudo entende, colocando-as num lugar descentralizado; e do cuidado, especialmente o maternal. “É comum ouvir mulheres se culpando por não estarem com os filhos. A gente não escuta isso nas salas dos homens. Por quê?”

Em sua fala, Sheryl ponderou que, em decorrência dessa construção cultural, a maior parte dos homens passou a entender que deve estar no centro das situações. “Ensinaamos aos meninos que é sobre eles. Já para as meninas, a olhar para o outro. Mulhe-

“ É comum ouvir mulheres se culpando por não estarem com os filhos. A gente não escuta isso nas salas dos homens. Por quê?”

SHERYL ANDREATTA
Psicóloga clínica

res aprendem a silenciar em nome de alguém.” É nesse conceito atrelado, de que o amor tudo suporta e tudo releva, e de que é preciso estar num relacionamento para a vivência ser validade, que mora o perigo.

Ainda de acordo com a apresentação, há uma série de elementos que produzem homens que não aprendem a lidar com as próprias emoções. “Não aprendem a falar nas relações porque isso é coisa de mulher e, sendo assim, não é tão importante, ou é fútil, ou é menor.” Por isso, segundo a psicóloga, muitos acabam vendo na raiva a única via mais possível para acessar essas questões. “Assim seguimos produzindo um terreno muito fértil para a violência.”



Psicóloga Sheryl Andreatta aponta para o enorme peso da construção cultural

NOVAS POSSIBILIDADES DE SER

Apesar dos apontamentos, durante a sua manifestação no Happy Hour Gerir, em que faz advertências sobre a maneira como acontece a relação entre homens e mulheres na sociedade contemporânea, a psicóloga Sheryl Andreatta disse acreditar em uma construção de novas possibilidades de ser. “Não existe nada essencialmente feminino ou masculino. O que fomos construindo é uma ideia do que é ser mulher ou homem, dentro da nossa cultura”, enfatizou. Para ela, portanto, reconstruir, refazer, repensar e reposicionar essas práticas é algo possível. “Estarmos juntos nas relações para que possamos diminuir um pouco desse sofrimento e dessa angústia é fundamental.”



**Questionar. Transformar. Evoluir.
Esse é o nosso jeito.**

É da gente essa coragem pra fazer a diferença.

UNISC é daqui,
é de todos.

Uma demanda que precisa ser de todos



Delegada Raquel Schneider: debate essencial para que as gerações futuras possam colher os frutos

Atuando em um meio predominantemente masculino, a delegada da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam), Raquel Schneider, falou sobre a importância do trabalho desenvolvido pelo órgão, além de apresentar parcerias e fatos relevantes para o combate à violência contra a mulher. Na polícia há mais de duas décadas, foi ao longo da caminhada que ela viu surgir a Lei Maria da Penha, de 2006, que passou a representar mecanismos de proteção, o que antes era inexistente.

Em sua fala, Raquel lembrou que a luta não busca colocar homens contra mulheres, mas proporcionar uma realidade na qual ambos os públicos caminhem juntos. “A maioria, inclusive, não é violenta. São pais, filhos, companheiros e pessoas que caminham ao lado dessas companheiras.” Outro ponto abordado referiu-se às construções sociais. “Minha filha, quando tinha 3 anos, pediu um caminhão dos bombeiros e ganhou, porque ela vai ser quem ela quiser.”

Para a delegada, esse olhar na infância é determinante. “Talvez nós, hoje, não vamos colher os frutos desse debate, mas as gerações futuras, sim.” Ao abordar questões do cotidiano de trabalho, Raquel lembrou que as agressões contra mulheres não são apenas físicas. “O controle excessivo, o ciúme que dói não é normal e se configura em violência psicológica.”

Para essas mulheres, as medidas protetivas buscam representar mais segurança. “Hoje, raramente uma medida protetiva é indeferida, até pela questão de que se percebe que, se chegou a esse ponto, é preciso proporcionar proteção imediata.”

“ É um número assustador, que nós precisamos baixar. E essa luta não é só nossa. A campanha lançada pela Gazeta é para todos, homens e mulheres. Precisamos caminhar lado a lado para termos uma sociedade mais humanitária.

RAQUEL SCHNEIDER
Titular da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam)

Além dos pontos de atendimento presencial, há a delegacia online, no site da Polícia Civil, na qual é possível registrar a ocorrência sem sair de casa.

No decorrer do tempo, redes de proteção também se constituíram, com a participação do Judiciário, Ministério Público, coordenadorias da mulher, casas de passagem, os próprios hospitais e outros órgãos. “Costumo dizer que, por vezes, a delegacia da mulher não é uma delegacia na sua essência, que prende. Quando ela faz prisões, é porque o trabalho de prevenção não deu certo. A gente sabe que o feminicídio não é um ato isolado. Antes dele ocorreram violências.”

Ao longo de sua fala, Raquel também lembrou o número de casos registrados no Estado: entre janeiro e março foram 24. “É um número assustador, que nós precisamos baixar. E essa luta não é só nossa. A campanha lançada pela **Gazeta** é para todos, homens e mulheres. Precisamos caminhar lado a lado para termos uma sociedade mais humanitária.”

OLHAR ATENTO EM TODOS OS AMBIENTES

A delegada Raquel Schneider também citou a importância do olhar atento nos ambientes, além das denúncias. “Aqueles que perceberem alguma diferença, que daqui a pouco a mulher está sendo vítima de violência, não se calem. Podem registrar denúncias anônimas e nós iremos verificar. Precisamos diminuir esses números.”

Para saber: caso não haja uma delegacia da mulher em alguma região específica, o registro da ocorrência policial poderá ser feito em qualquer delegacia de polícia.

“Essa luta é para nós não sofrermos mais violência”



Advogada Manuela Braga: “Nossa luta é pelos nossos direitos, em busca de igualdade, respeito e parceria”

Para completar o leque de explicações do primeiro Gerir de 2026, a advogada familiarista e presidente da OAB de Santa Cruz do Sul, Manuela Braga, destacou a importância da informação, da conscientização e da mudança cultural, como o combate à cultura machista, no enfrentamento à violência contra a mulher. Com duas décadas de atuação na área do Direito, a painelistra trouxe pontos fundamentais para que as ações possam ser desenvolvidas de forma mais efetiva.

Para ela, é imprescindível estar vigilante aos direitos conquistados pelo público feminino. “Nós temos um avanço enorme na legislação, mas ainda precisamos de mais leis protegendo as mulheres, combatendo as desigualdades que ainda existem. Hoje nós não temos igualdade. Estamos longe disso.”

Dentro desse contexto, Manuela usou como exemplo a inclusão da misoginia como crime de preconceito ou discriminação, tipificando-a como a conduta de ódio ou aversão às mulheres, aprovada recentemente pelo Senado. “Eu queria pedir que todos lessem essa lei antes de falar qualquer coisa. Há muita opinião baseada em desinformação.”

No decorrer de sua fala, a advogada citou a necessidade de buscar por mudanças entre os envolvidos. “Essa luta deveria ser de todo mundo, não só das mulheres. Por que, quando promovemos eventos para falar disso, ainda percebemos poucos homens participando? Todos nasceram de uma mulher, têm esposa, filhas, irmãs.”

Para a palestrante, também é importante o entendimento de que falar de combate à violência contra a mulher e buscar igualdade não é declarar “guerra” contra os homens. “A nossa luta é pelos nossos direitos. A ideia é que possamos caminhar juntos nisso, com igualdade, respeito e parceria.”

Além disso, Manuela abordou os diferentes tipos de violência, que vão mui-

“ Essa luta deveria ser de todo mundo, não só das mulheres. Por que, quando promovemos eventos para falar disso, ainda percebemos poucos homens participando? ”

MANUELA BRAGA
Advogada

QUESTÕES CULTURAIS

Ainda referenciando a importância do movimento feminista, a advogada Manuela Braga lembrou de mais conquistas importantes. “Vocês sabiam que até 1962 as mulheres não tinham CPF? Usávamos o do pai e, depois de sair da casa dele, passávamos a utilizar o do marido. E hoje nós temos, graças às mulheres que lutaram por isso.”

Para encerrar, mais uma vez a painelistra enfatizou que a busca deve ser pelos próprios direitos, além de uma nova postura sobre questões culturais. “A gente não quer nada do que é de direito dos homens. Nós queremos os nossos direitos. E que a gente consiga ensinar as nossas filhas a se respeitar e a exigirem respeito e a se amarem, em primeiro lugar.”

to além da física. “Existem os outros tipos que muitas vezes não são lembrados, como a psicológica, a sexual e a patrimonial.” Ao mesmo tempo, destacou a sororidade, ainda pouco presente entre as mulheres; e o feminismo, cujo conceito é, em muitos casos, visto de maneira equivocada.

“Tenho percebido muitas mulheres questionarem o movimento. Mas se hoje nós estamos aqui, se podemos levantar a voz e dizermos o que pensamos, se temos o direito de nos divorciar, trabalhar, viajar, ter conta bancária é graças a isso.”